

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O ateneu de raul pompéia uma perspectiva histórica da violência escolar

Joyce Mary Adam de Paula e Silva

Resumo: A violência escolar sob o olhar histórico e sociológico a partir do romance “O Ateneu” de Raul Pompéia é o objeto de reflexão do presente trabalho. Desenvolve um paralelo entre a violência escolar nos dias de hoje e o relato das interações que se desenvolvem em um Internato no século XIX no Brasil, promovendo uma reflexão sobre alguns elementos que promovem a violência escolar e que são historicamente construídos.

Palavras Chave: violência escolar; o Ateneu; literatura e sociedade; perspectiva histórica e violência escolar .

Abstract: This paper is about a historical analysis on school violence under the novel “ O Ateneu”, by Raul Pompeia. It develops a parallel between nowadays school violence and the inside relations in at boarding school in the XIX century. This analysis promotes a reflexion about some aspects of school violence that are histocially constructed.

Key words: school violence; literature and society; historical perspective and school violence.

O presente artigo traz uma análise da violência escolar sob o olhar histórico e sociológico. O romance “O Ateneu” de Raul Pompéia nos traz um relato das interações que se desenvolvem em um Internato no século XIX no Brasil, descrevendo as agruras de um adolescente em suas relações com os diferentes grupos, alunos, professores e funcionários.

A importância de se discutir historicamente os processos de violência simbólica e explícita presentes na instituição escolar está no fato de que nos ajuda a compreender os diferentes aspectos que os determinam. O bullying, agressão entre alunos, as relações preconceituosas e o estigma presentes na relação entre professores, direção, funcionários e alunos são questões descritas no Ateneu e que de uma forma mais sutil e talvez menos acintosa ocorram ainda hoje na escola e contribuem para a disseminação de comportamentos que estimulam a violência.

O uso do romance como instrumento de compreensão de alguns princípios estruturais, categorias e normas sociais da sociedade brasileira é colocado por Da Matta(1994), da seguinte maneira :

Meu postulado implícito era o seguinte: se o texto literário ‘contava uma sociedade, no caso brasileiro, no qual eram poucos os estudos especificamente sociológicos da sociedade como tal, o texto literário de fato fazia falar a sociedade. Neste sentido profundo, a literatura não era, conforme já disse, simplesmente uma outra fotografia do sistema, mas uma expressão, um meio privilegiado pelo qual a sociedade podia se manifestar. A narrativa, então, poderia ser tomada como a própria sociedade, percebida (lida, entendida, falada, classificada) por meio de um certo código.(pág. 49)

Assim, a análise da narrativa presente no Ateneu nos ajuda a compreender a estrutura social e o contexto das interações, provocando reflexões que contribuem para o entendimento das instituições educacionais e a problemática da violência em seu interior.

Segundo Agnes Heller (1985) a história, e, conseqüentemente, o homem, que a constrói, é a substância da sociedade, não dispondo, assim, essa sociedade, de nenhuma substância além do homem, pois os homens são os portadores da objetividade social, cabendo-lhes exclusivamente a construção e transmissão de cada estrutura social. Mas esta substância não pode ser o indivíduo humano, pois este não pode, jamais, conter a infinidade extensiva das relações sociais, cabendo, portanto, uma análise maior das relações do homem com seu tempo e seu espaço.

Nesse sentido, a sociedade narrada e compreendida historicamente em seu tempo nos permite contextualizar os processos sociais desvelados fazendo um paralelo com o contexto atual, buscando a historicidade dos mesmos.

O Ateneu foi escrito por Raul Pompéia no início de 1888 e narra as agruras de Sérgio que aos doze anos é levado por seu pai ao Ateneu para receber sua educação formal que até então era no seio da família.

Sérgio narra a vida no internato, que foi inspirado no Colégio Abílio em que o autor estudou. O romance traz uma crítica ferina ao internato, caracterizando o ambiente e os personagens sarcasticamente: o diretor; satirizado sob o nome de Aristarco, é monumento de presunção oculta e de auto-idolatria; o clima entre os alunos é de luta constante, esmagando os ingênuos e os fracos, sem o auxílio dos mais experientes; as amizades parecem todas equívocas ou mórbidas; as festividades escolares, motivos ruidosos de bajulação e de aparência enganosa. Fica clara uma crítica do autor que vai além do colégio Ateneu, que se mostra como um reflexo da sociedade também hipócrita e destruidora.

O romance “O Ateneu” é palco para nossas reflexões sobre a questão da violência que permeia as instituições educacionais aparecendo sob diferentes formas e sob diferentes justificativas.

Em geral, violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência pode se manifestar por signos ou por símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica.

Nas escolas, segundo os professores, a violência está aumentando não somente do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo. Os tipos de violência assinalados por eles como estando mais presentes no dia-a-dia escolar são as ameaças e agressões verbais entre alunos e entre estes e os adultos. Embora menos freqüentes as agressões físicas também estão presentes. Vários estudos apontam sobre a violência dos alunos contra o patrimônio escolar, contra o adulto e contra a instituição. Os discentes, por sua vez, destacam o abuso de poder dos “mais fortes”, sejam estes os alunos mais velhos, os familiares ou as autoridades da escola.

Segundo Goffman (1988), existem três tipos de estigma. Em todos eles um traço chama a atenção, e o indivíduo é reduzido a ele. Um primeiro tipo de estigma são aqueles gerados por deformidades físicas. Outro tipo são os estigmas que tem por origem as culpas de caráter como vontade fraca, desonestidade, alcoolismo, doenças mentais, homossexualismo e desemprego. O terceiro tipo de estigma é o tribal, de raça, nação e/ou religião.

No Ateneu a atitude de Aristarco (o diretor) em relação aos alunos era discriminatória em relação à condição financeira, como ilustra o seguinte comentário de Sérgio :

“Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmagô de cada sorriso morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam em distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes a criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado.” (pág. 38)

A condição econômica era sem dúvida um elemento a considerar na forma de tratamento dos alunos. O estigma que tem por origem as culpas de caráter como vontade fraca, desonestidade, também são justificativas para humilhações com vista a “correção do caráter”, como ilustra o seguinte diálogo entre Sergio e o Rabelo (um colega do Ateneu):

-Ali está um de joelhos...? (perguntou Sérgio ao Rabelo).

-De joelhos...Não há perguntar; é o Franco. Uma alma penada. Hoje é o primeiro dia, ali está de joelhos o Franco. Assim atravessa as semanas, os meses, assim o conheço nesta casa, desde que entrei. De joelhos como um penitente expiando a culpa de uma raça. O diretor chama-lhe cão, diz que tem calos na cara. Se não tivesse calos ao joelho, não haveria canto do Ateneu que ele não maçasse com o sangue de uma penitência. O pai é de Mato grosso; mandou-o aqui com uma carta em que o recomendava como incorrigível, pedindo severidade. (pág. 44).

Trazendo essa discussão para a realidade das escolas hoje, vemos uma situação similar no desrespeito que permeia a relação da escola com os alunos, por meio da negação da cultura dos mesmos e do preconceito que desencadeia a produção do fracasso do aluno na escola. Charlot (2002), caracteriza a violência escolar como: violência na escola, violência à escola e violência da escola. Segundo Charlot (2002, p. 434):

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).

O autor argumenta que esta distinção é importante no sentido de que se a escola é, em grande medida, impotente com respeito à violência na escola, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a sua ação face à violência da escola e à escola.

Em relatório de pesquisa desenvolvido sobre jovens e violência (Sales & Silva, 2006), o discurso dos alunos expressam o sentimento de discriminação e agressão que não está muito distante do presente no Ateneu, como expressa a seguinte fala de uma aluna:

Sobre isso que ela falou, teve uma época que tinha um professor substituto na sala, e eu curto tudo, sou fanqueira, gosto de rap, rock, pagode, tudo. Então eu tava, eu sempre gostei de ficar no fundo, cantando sempre foi assim. Então este professor

chegou agente tava cantando baixinho lá no fundo, ele veio brigar comigo ele falou que eu era maloqueira, eu era viciada, que eu era maloqueira que eu não fazia nada da vida,, começou a me xingar só porque eu tava cantando rap, eu fui tentar, porque eu sou assim se você falar comigo eu falo também, se eu tiver conversando e eu tiver razão ai ninguém me segura, eu fui tentar explicar pra ele que o rap e um movimento que não são todos só por que curte rap são maconheiros, não e assim. Só por que eu tava com uma toca na cabeça, que era época de frio, ele veio falando pra mim: você não presta porque você anda com maconheiros, só porque eu curtia rap, só porque eu tava cantando.

O preconceito com relação à cultura que o aluno traz cria uma relação conflituosa entre professor-aluno, dificultando a criação de vínculos com a escola e com o conhecimento, promovendo um distanciamento e uma decepção com relação à escola enquanto instituição formadora de cidadania.

As duas falas de alunos que seguem também ilustram tal situação ao descrever os conflitos entre alunos e escola, envolvendo a relação com professores e diretores:

*Vi até diretor batendo em aluno.
Xingaram ele e ele pensou que fui eu. E nem tinha sido eu. Pegou eu de tapa e de murro. A hora que eu sai a primeira coisa que fiz foi pegar um tijolo. Peguei um tijolo e mandei bem no peito dele. Pulei a grade e sai.
Lá na – Escola 2- também, teve uma vez que estava tendo guerra de casca de banana. Lá tinha merenda e o diretor viu uma moça lá tacando. Ele pegou ela e deu um tapa na cara dela. E ai o que ela fez? Ela pegou e foi para cima dele. Ele pegou levou ela para a sala dele. Chegou lá e pediu desculpa: eu fui errado de bater em você. Ai a menina falou isso não é certo, eu vou na policia e caguetar.*

Nois era molequinho ainda, esse daqui, xingou o diretor de pinguço. Ai eu entrei no banheiro, ele pensou que foi eu, ele bateu em mim. Eu sai e dei uma tijolada nele.

Na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida. A falta de limites associada à desconsideração pelos outros contribuem para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão.

No romance de Raul Pompéia tais considerações estão presentes nas situações em que são descritas a violência entre os alunos e que a escola ignorava por conveniência. As duas passagens descritas a seguir ilustram esse aspecto. Na primeira Rabelo dialoga com Sergio sobre os colegas do Ateneu, na segunda Sanches um dos colegas de classe de Sergio, para fazer de conta que o salva de um afogamento, derruba-o na água de um tanque onde os meninos se banhavam.

Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dous sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos...Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.(pág. 44)

Mal tinha eu entrado, senti que duas mãos, no fundo, prendiam-me o tornozelo e o joelho. A um impulso violento caí de costas; a água abafou-me os gritos, cobriu-me a vista. Senti-me arrastado. Num desespero de asfixia, pensei morrer. Sem saber nada vi-me abandonado em ponto perigoso; e bracejava à toa, imerso, a desfalecer, quando alguém amparou-me. (pág. 52)

No entanto, esses acontecimentos não são produzidos apenas ao nível individual. As relações estabelecidas entre os indivíduos são socialmente determinadas como também o é a forma pela qual as identidades pessoais e sociais são construídas. A identidade é construída nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais o indivíduo está inserido e também pelas experiências particulares que ele vivencia no interior dessa cultura que não são repetidas e determinam as idiossincrasias e a individualidade de cada um.

Longe de ser considerada uma anomalia as relações cruéis, a corrupção e as perversidades aparecem como uma forma de treinar os alunos para a vida, como fica claro na seguinte passagem em que Sérgio narra o discurso do “Dr. Cláudio”:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contacto com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrem as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a malediscência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas?

Tanto melhor: é a escola da sociedade.

Na perspectiva da análise da conjuntura em que se dá a violência na escola hoje, Debarbieux (2001) contextualiza o ambiente da escola em um novo panorama com conseqüências para a “ordem escolar”, onde o acesso à escola por camadas sociais antes alijadas da mesma trazem uma situação nova, que, segundo ele está longe de uma democratização criando “novas desordens” e a resposta a ela que não favorece tal a democratização :

A democratização do recrutamento escolar não corresponde necessariamente a uma verdadeira democratização da escola. Torna mais visível os bloqueios do sistema às crianças de certos subgrupos movidos pelo desejo de mobilidade social: a integração no sistema pedagógico tradicional é difícil para esses novos públicos e a desordem, longe de ser uma "anomia normal", se torna progressivamente

menos tolerada, tendo por corolário o reforço das punições. É que os mesmos fatos não têm mais a mesma finalidade: longe de ser uma aceitação da ordem, uma contribuição à expressão e à regulação das tensões, a bagunça se torna o signo de um desequilíbrio, o fim de uma tradição. (pág. 164)

No século XIX, período em que o Ateneu foi escrito a instituição escolar brasileira não era franqueada às classes populares, e o contexto de violência instalado nessa Instituição encontra-se em uma perspectiva de “anomia normal” no dizer de Debarbieux, pois tratava-se de jovens de classes sociais favorecidas. As punições cruéis tanto as ligadas ao fracasso escolar, como ao desajuste à instituição educadora tinham como objetivo a moldagem do aluno aos princípios coerentes com uma classe que a priori detém o poder econômico e político, com o intuito de prepará-los para assumir esse lugar na sociedade.

Na escola massificada, no entanto, o mascaramento da incapacidade da escola em lidar com a nova realidade não é possível, resultando assim, em uma instituição em que os estigmas, os preconceitos e a violência simbólica contribui para gerar a violência explícita e o caos, quando não a tomada da instituição por forças do crime como é o caso de algumas escolas brasileiras. Nesse sentido, Debarbieux, confirma tal situação, ao falar da escola francesa :

Prolongando sua reflexão após os eventos de Maio de 68, Testanière (1972) mostrava que o "desencantamento do mundo escolar" tinha se tornado massivo. Longe de ser uma desregulação nova, uma crise brutal ou passageira, a bagunça anômica era somente o signo de uma evolução contínua da escola republicana na direção da perda de sentido: ao universo fechado de classes sociais favorecidas, sabendo utilizar apenas para si próprias a escola como empresa de aculturação e de reforço de sua posição social, sucedia progressivamente uma escola incapaz de mascarar a origem social do fracasso escolar. Uma escola que se massifica é uma escola que põe a descoberto as desigualdades que acolhe e reforça. (174)

Concluindo, chamo a atenção para a importância da análise da violência escolar como um processo multi e historicamente determinado, onde as questões econômicas, sociais e psicossociais têm que ser levadas em conta. A consideração das diferentes dimensões que foram tratadas neste artigo quer seja a discriminação de classe social, condição física, bem como os preconceitos que levam à negação da cultura do outro, sem falar nas questões de gênero, psicológicas e outras que não abordei, são fundamentais para analisar e propor encaminhamentos para a prevenção da violência na instituição escolar.

Bibliografia

- BENELLI,S.J. I Internato Escolar “ O Ateneu” Produção de Subjetividade na Instituição Total.Revista de Psicologia USP. , 14 (3),pág.133-170, 2003.
- DEBARBIEUX,E. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). Revista Educação e Pesquisa v.27 n.1 São Paulo jan./jun. 2001.
- HELLER.A. -O Cotidiano e a História. SP. Paz e Terra, 1985.
- POMPÉIA. R.Ateneu. RJ. Francisco Alves.1976.
- SILVA,J.M.P.;SALES,L.M.F. Projeto de Pesquisa de Formação de Profissionais para Atuar com a Problemática da “Violência De Jovens”. Relatório de Pesquisa. UNESP. Rio Claro, 2007